
A CONSTRUÇÃO DO ATOR “ZELADOR” EM “O
ZELADOR”, DE MENALTON BRAFF

02

THE CONSTRUCTION OF THE ACTOR
“ZELADOR” IN “O ZELADOR” BY
MENALTON BRAFF

Flavia Karla Ribeiro Santos

Discente do Programa de Mestrado em
Linguística da Universidade de Franca - UNIFRAN

Vera Lucia Rodella Abriata

Docente do Programa de Mestrado em
Linguística da Universidade de Franca - UNIFRAN

RESUMO

Este trabalho analisa, por meio do referencial teórico da semiótica francesa, o conto “O zelador”, de Menalton Braff, focalizando a construção do ator-protagonista no papel temático de “zelador”, que dá título ao texto, bem como seus papéis actanciais e patêmicos. Para tanto será aplicado o percurso gerativo do sentido ao texto, que engloba os níveis fundamental, narrativo e discursivo. Apreendemos ainda, no texto, o desenvolvimento de um esquema passional canônico. Em termos de nível narrativo objetiva-se descrever os programas narrativos do sujeito “zelador” em busca de objetos-valores que dão sentido a sua existência. Por outro lado, tendo em vista a estrutura discursiva do conto, descrevemos as isotopias figurativas que demonstram a isotopia temática da ascensão social e da violência. Nesse sentido, busca-se evidenciar o conflito que se estabelece no texto entre os valores morais do “zelador”, diante da falha na atribuição que lhe foi dada, e o ato de proteger, cuidar de seu amigo.

Palavras-chave: ator, papel actancial, papel temático.

ABSTRACT

This paper analyzes, by means of theoretical reference the French

Semiotics, the short story “O zelador”, by Menalton Braff, emphasizing the construction of the actor in the thematic role of “caretaker” that gives title to the text, besides actancial and pathemic roles. Thereby, we apply the elements of generative process of sense in the text, which includes the fundamental, narrative and discursive level. We also apprehend in the text, the development of the passionate canonical scheme. In terms of narrative level, the aim is to describe the narrative program of the subject “caretaker” in search of objects-values that give meaning to his existence. On the other hand, considering the discursive structure of the short story, we describe the figurative isotopies that demonstrate the thematic isotopy of social climbing and violence. Therefore, we aim to evidence the conflict in the text between the moral values of “caretaker” in front of the error in his assignment and the act to protect, care of his friend.

Keywords: actor; actancial role; thematic role.



INTRODUÇÃO

Este trabalho tem a finalidade de demonstrar a construção do ator protagonista no conto “O zelador”, de Menalton Braff, descrevendo seus papéis actancial, patêmico e temático. Integrante da sintaxe narrativa, o papel actancial pode ser relacionado a “cada um dos papéis assumidos pelos actantes da narrativa”, no caso pelos sujeitos Ego e zelador, “e varia segundo se altere a posição dos actantes no percurso” (BARROS, 2005, p. 84). Assim, esses actantes sintáticos podem assumir o papel de sujeito do fazer – que realiza a ação –, sujeito de estado – que recebe a ação – e sujeito cognitivo – que analisa e reflete sobre sua ação – em razão dos estados de junção com o objeto-valor – desejos e ou objetivos do sujeito com o qual está ou não em relação de junção. O papel patêmico refere-se, por outro lado, aos estados de alma dos sujeitos dentro de um “percurso modal: suas fases de tensão e de distensão” (BERTRAND, 2003, p. 44), ou seja, preocupa-se com os estados de alma

do sujeito em relação aos valores por ele atribuídos ao objeto desejado ou indesejado, como no conto em exame. Já o papel temático, desvelado na semântica discursiva, é tido como o “papel assumido pelos actantes narrativos no interior de um tema ou de um percurso temático, quando então os actantes se convertem em atores discursivos” (BARROS, 2005, p. 84). A partir da reunião desses papéis constrói-se o ator que, segundo Denis Bertrand, “situa-se na junção da sintaxe narrativa (...) com a semântica discursiva” (BERTRAND, 2003, p. 416).

Examinamos também os contratos veridictórios que se apreendem no texto, relativos aos estados de alma do sujeito protagonista e aos percursos temático-figurativos, que nos permitem observar os valores em jogo no texto.

A análise do ator que protagoniza o conto “O zelador” se processa a partir da hipótese de que o sujeito zelador, sentindo frustradas suas aspirações de ascensão social, destrói o outro a quem devotava amizade, o cão Ego, privilegiando assim os valores de ascensão social em detrimento dos valores de ordem afetiva. Assim, nessa análise visamos a demonstrar que as reações violentas do ator zelador são provocadas pela valorização exacerbada que atribui às aspirações profissionais e de mudança de *status* social.

Finalmente, considerando que a arte, em especial a literatura, recria esteticamente a realidade e levando em conta os processos metodológicos da semiótica para analisar cientificamente o seu objeto – o texto –, no final desse trabalho pretendemos contribuir para a reflexão sobre o tema da perpetração da violência em razão da insatisfação do homem com a vida e com o mundo – sua desumanização em razão do individualismo e da solidão resultantes da supervalorização das aspirações profissionais em detrimento das relações afetivas – conforme retrata o conto a ser examinado. Iniciemos, pois, a análise.

1. A CONSTRUÇÃO DO ATOR

No conto, um zelador solitário responsável por cuidar de vilas mal conservadas e inóspitas, tem o objetivo de ser promovido e assim

passar a fazer parte de outra classe social. Ao receber determinação para cuidar de uma vila nas mesmas condições daquelas de que sempre cuidou e descobrir que não conseguira a promoção almejada, em razão de sua juventude, conhece um cão com o qual se identifica fisicamente (é tão jovem quanto ele) e nomeia-o Ego.

No dia seguinte, o zelador e Ego partem juntos para a vila a ser cuidada. No decorrer da viagem, a cada obstáculo vencido – travessia de uma ponte perigosa, abrigo da chuva em uma caverna, noite dormida ao relento, escassez de alimento – a relação de amizade entre os companheiros se fortalece até chegarem a “uma relação de confiança mútua e a um sentimento muito próximo de uma amizade irreduzível” (BRAFF, 2006, p. 156).

Após aproximadamente um ano e meio do início da amizade, quando já se encontram na terceira vila, Ego rouba da geladeira a carne que deveria alimentar o zelador durante um mês. Sentindo-se traído pelo amigo em quem depositara sua confiança e sabendo que aquele erro o privaria da promoção almejada, o zelador é tomado pela cólera e mata o amigo como forma de manter a rigidez dos regulamentos que conhecera desde a infância.

Esse relato manifesta duas formas de desenvolvimento da história. Um primeiro segmento, grafado em caracteres normais, narra a história de amizade entre o sujeito zelador e o cão Ego desde o momento em que se conhecem até chegarem à vila onde acontece o conflito e o desfecho da narrativa. O segundo, grafado em itálico, inicia e se insere em meio ao primeiro, encerrando também o conto. Neste último se revelam os estados de alma do sujeito zelador diante da descoberta do roubo da provisão mensal de carne que estava na geladeira, fazer realizado pelo companheiro Ego. Esse estado patêmico vai se intensificando até irromper a paixão da cólera e suas consequências.

1.1 Os percursos do fazer

Segundo Barros,

A semiótica parte dessa visão espetacular da sintaxe e

propõe duas concepções complementares de narrativa; narrativa como mudança de estados, operada pelo fazer transformador de um sujeito que age no e sobre o mundo em busca dos valores investidos nos objetos; narrativa como sucessão de estabelecimentos e de rupturas de contratos entre um destinador e um destinatário, de que decorrem a comunicação e os conflitos entre sujeitos e a circulação de objetos. (BARROS, 2005, p. 20)

Tendo em vista, portanto, o nível narrativo, observamos, na situação inicial do texto, um enunciado de estado de disjunção do sujeito zelador com o objeto-valor “promoção”. Nesse sentido, o zelador revela-se um sujeito virtual, que quer entrar em conjunção com esse objeto-valor. Por sua vez, sua proximidade do cão Ego e seu estado de solidão revelam-no também um sujeito virtual que quer entrar em conjunção com o objeto-valor “amizade”. Para a realização desses programas narrativos, o sujeito zelador assume diferentes papéis actanciais, uma vez que ora é modalizado pelo /dever/, ora é modalizado pelo /querer/ realizar as performances, estando, nesse início do texto, na fase de manipulação.

O programa narrativo da ascensão social apresenta um percurso em que o sujeito zelador é um sujeito de estado em disjunção com o objeto-valor “promoção”. O empregador, assumindo o papel actancial de sujeito destinador, manipula o sujeito destinatário zelador por provocação ao informá-lo de que a sua idade o impedira de entrar em conjunção com o objeto-valor “promoção”. Essa manipulação leva-o a /dever/ aceitar o contrato de continuar cuidando das vilas com zelo e seguindo os regulamentos com rigor para entrar em conjunção com tal objeto-valor. Ao mesmo tempo, o empregador dá ao sujeito zelador as competências do /saber/ ser promovido, pois o seu zelo era relatado em documentos da empresa, e se encontra manipulado pelo /querer/ ser promovido – “esperava uma promoção que não tinha vindo” (BRAFF, 2006, p. 141). A performance, ou seja, a transformação de estado de disjunção para um estado de conjunção com o objeto valor, contudo, não ocorre, pois na terceira vila a ser cuidada, o zelador descuida-se – “Não se lembrava de ter tido muito cuidado com a porta naquela manhã

quando saiu para o trabalho” (BRAFF, 2006, p. 140) – possibilitando que o cão Ego, seu companheiro de viagem, roube a provisão mensal de carne da geladeira. Esse descuido provoca o rompimento do contrato estabelecido entre o destinador empregador e o destinatário zelador, o que culmina em uma sanção pragmática negativa, pois o sujeito zelador sabe que devido ao descuido continuará disjunto do objeto-valor “promoção” – “Com um pedido antecipado de alimento, ele sabia, adeus qualquer esperança de passar à Classe C” (BRAFF, 2006, p. 140 e 143) – e trabalhando em vilas do mesmo nível de todas as vilas onde já havia trabalhado.

Como não há transformação de estado disjuntivo para estado conjuntivo com o objeto-valor “promoção”, temos um enunciado de estado, na situação inicial do texto, assim, esquematizado:

$$S_{1(\text{zelador})} \text{UOv}$$

Por outro lado, o sujeito zelador encontra-se manipulado para realizar um outro programa narrativo, tornar-se conjunto com o objeto-valor “amizade” com o cão Ego, na medida em que ambos se encontram em estado patêmico de solidão. O zelador, no papel actancial de destinador, é o sujeito dotado de autoridade para estabelecer o contrato, e Ego é o sujeito destinatário. Aquele, enquanto destinador atua também como julgador, pois é o zelador quem aplica a sanção a Ego.

Assim, quando o zelador encontra Ego, este o acompanha até o restaurante, onde é por ele alimentado. Continua a acompanhá-lo no dia seguinte já que o destinador zelador manipula-o por tentação a / querer/ acompanhá-lo, oferecendo-lhe valores positivos: alimenta-o – “O volume no bolso da calça era o pão que Ego esperava receber” (BRAFF, 2006, p. 145) –, afaga-o – “Parou ao lado de Ego para lhe fazer uma carícia” (BRAFF, 2006, p. 146) –, cuida de suas feridas – “Ele sabia que a retirada daquelas setas agudas causava, no início, maior sofrimento do que deixá-las paradas onde estavam (...) pôs-se a trabalhar (...) e a cirurgia em alguns minutos teve fim” (BRAFF, 2006, p. 158).

O sujeito Ego, por sua vez, modalizado pela competência a ele atribuída do /saber/ e do /poder/ fazer companhia, utiliza em sua performance os sentidos (olfato, audição) para ambos conseguirem atravessar a ponte, esconderem-se da chuva sob uma caverna em seu percurso em direção à vila a ser cuidada. Mas, ao mesmo tempo, há uma inversão de papéis, e o zelador passa a ser sujeito de estado, pois aceita ser manipulado por tentação à proporção que se sente protegido com a realização da performance de Ego, de acordo com este esquema:

$$\text{PN – F: (proteção) – } S_{1(\text{Ego})} \rightarrow S_{2(\text{zelador})} \cap \text{Ov}$$

Desse modo, os dois sujeitos, Ego e zelador, revelam-se em estado de confiança, um em relação ao outro, e é estabelecido o contrato de amizade. Entretanto, já na terceira vila juntos, Ego, com fome, pois “Há dias ele vinha percorrendo os arredores sem encontrar caça alguma” (BRAFF, 2006, p. 139), rompe o contrato de confiança com o zelador, manipulado por tentação por outros valores: /querer/ entrar em conjunção com o objeto-valor “alimento”. O cachorro encontra facilidade para entrar na casa devido a um descuido do zelador, o que dá a Ego a competência do /saber/ entrar na casa e do /poder/ roubar a carne da geladeira. Desse modo, realiza uma nova performance, sacia a fome e passa a um estado eufórico de satisfação. Contudo, pelo rompimento do contrato, Ego recebe a sanção cognitiva negativa do zelador, relacionada à perda de confiança, e a sanção negativa pragmática da morte, entrando em disjunção com o objeto-valor “vida” ao ser executado pelo sujeito-destinador “zelador”:

Nenhum daqueles pequenos episódios que foi tecendo, ao longo do tempo, a mútua confiança pôde naquele momento valer ao cão. Educado na rigidez dos regulamentos, o zelador não conhecia a tolerância (...).

O zelador tomou o cabo pela extremidade e, com o olho da enxada, amassou a cabeça entre as duas orelhas (BRAFF, 2006, p. 159-160).

Temos, pois, como resultando do fazer de Ego, roubar a carne

da geladeira, a instauração de um novo enunciado de estado, assim esquematizado:

$$S_{1(\text{zelador})} \text{ e } S_{2(\text{Ego})} \text{ UOv amizade}$$

Portanto, do ponto de vista da veridicção, ou seja, dos “jogos da linguagem com a verdade que o discurso instala em seu interior” (BERTRAND, 2003, p. 433), a construção do ator “zelador” é diretamente influenciada pelos contratos estabelecidos com os demais atores do enunciado. O sujeito destinador empregador *parece rígido* em relação à necessidade do cumprimento do dever pelo sujeito destinatário zelador e demonstra *ser rígido* a partir da constatação feita pelo zelador de que não seria promovido em razão de seu descuido, instaurando-se a verdade. O descuido do zelador revela uma mentira, uma vez que ele *parece ser* responsável e zeloso, mas revela *não ser* ao deixar a porta aberta.

A “coincidência do parecer e do não ser”, que define a mentira (BERTRAND, 2003, p. 241) prevalece no enunciado a partir do trecho “O convívio contínuo do zelador e de seu companheiro criara entre eles uma relação de confiança mútua e um sentimento muito próximo de uma amizade irredutível” (BRAFF, 2006, p. 156). Isso, porque a “relação de confiança mútua” que pressupõe a irredutibilidade da amizade entre os sujeitos zelador e Ego apenas *parece* verdadeira. A expressão “sentimento muito próximo” não atesta a verdade, apenas encobre uma mentira à medida que o sujeito Ego *parece ser* confiável para o sujeito zelador e revela *não ser* quando rouba a carne, e o sujeito zelador *parece ser* confiável para o sujeito Ego, mas *não é*, já que lhe desfere um golpe mortal:

Não precisou virar a cabeça para ver quem se aproximava, pois era um passo que já conhecia desde sua infância. Então sacudiu a cauda feliz.

O zelador tomou o cabo pela extremidade e, com o olho da enxada, amassou a cabeça entre as duas orelhas. As quatro pernas apenas estremeçeram e o mundo foi encoberto por um lençol de silêncio.

(BRAFF, 2006, p. 160) (grifo nosso)

O estabelecimento da sanção negativa aplicada ao sujeito Ego pelo destinador julgador zelador se evidencia no excerto acima em que ele executa Ego, pela ruptura do contrato que o levaria a continuar disjunto do objeto-valor “promoção”. A seguir, analisaremos os papéis patêmicos do zelador.

1.2 O percurso do ser

No que concerne à semiótica das paixões lembramos que

O espaço passional, feito de tensões e espectralizações cujo estatuto deverá ser precisado é, pois, da ordem do contínuo e se dispõe “em torno” das transformações narrativas. É desse modo que a semiótica do agir permite identificar o lugar, reconhecível no discurso, de uma semiótica do sofrer. A problemática da paixão se define em relação à da ação. (BERTRAND, 2003, p. 361)

No texto em análise, esse espaço passional se relaciona ao desejo do sujeito zelador para entrar em conjunção com a “promoção”. Está discursivizado no enunciado que corresponde ao clímax do conto, o qual explora os estados de alma do sujeito zelador que, no final, tem a certeza de que permanecerá disjunto do objeto-valor “promoção”, em razão do roubo da provisão mensal de carne empreendido pelo sujeito Ego.

Considerando, pois, a modalização do ser do sujeito zelador, que deseja a conjunção com o objeto-valor “promoção”, no conto, o estado patêmico de tensão do zelador é revelado a partir da descoberta da quebra do contrato fiduciário operada por Ego. A tensividade fórica do sujeito, na sequência de sua transformação patêmica, revela-se de acordo com o esquema de Fontanille, que integra o “*Dictionnaire des passions Littéraires*” (2005):

Confiança → Espera → Frustração → Descontentamento → Agressividade → Explosão

Essa sequência canônica é fundamentada numa cadeia de motivos:

[...] le sujet “explose” en raison de son agressivité; il est agressif “en raison” de son mécontentement, il est mécontent “en raison” de sa déception, il est déçu “en raison” de ce qu’il attendait, et enfin il attendit “en raison” de ce qu’on lui avait promis ou laissé espérer. (FONTANILLE, 2005, p. 63)¹

Tendo em vista a situação inicial da narrativa, o percurso passional do sujeito “zelador” desenvolve-se a partir do estado de relaxamento, de confiança no sujeito “Ego” e da crença de que poderia entrar em conjunção com o objeto-valor “promoção”, visto que “vinha realizando cada tarefa com esmero, empenhando-se nos mínimos detalhes para merecer uma promoção” (BRAFF, 2006, p. 156).

Como não fora promovido em razão de sua juventude, o que lhe é mencionado pouco antes de conhecer Ego – “Sua idade, foi o que lhe disseram sigilosamente, operava contra ele” (BRAFF, 2006, p. 141), o sujeito zelador continua a exercer suas atividades “realizando cada tarefa com esmero, empenhando-se nos mínimos detalhes para merecer uma promoção” (BRAFF, 2006, p. 156). Assim, modalizado pelo crer, ele espera tornar-se conjunto com o objeto-valor, como recompensa dada pelo empregador mediante realização exemplar das atividades.

Entretanto, um “acidente”, consoante Greimas e Fontanille (1993, p. 28) “desencadeia o desabamento de um mundo de valores” do sujeito, que, não conjunto com o objeto-valor, faz nele emergir mais intensamente a necessidade de entrar em conjunção com a promoção, ou seja, o sujeito zelador toma conhecimento do roubo da carne – “Só então viu a porta aberta da geladeira. E era um vazio o que estava lá dentro” (BRAFF, 2006, p. 139) – e imediatamente conclui que o responsável só pode ser Ego: “(...) não teve mais dúvidas: o culpado era seu companheiro Ego, o cachorro” (BRAFF, 2006, p. 139). O sujeito cognitivo “zelador” sabe que o roubo da carne foi acidental – “O cachorro, sem auxílio de

¹ “[...] o sujeito explode em razão de sua agressividade; ele é agressivo em razão de seu descontentamento, ele está descontente em razão de sua decepção, ele está decepcionado em razão do que ele esperava, e enfim ele esperava em razão do que lhe haviam prometido ou da expectativa criada”. (FONTANILLE, 2005, p. 63) – Tradução da Profª. Drª. Vera Lucia Rodella Abriata.

algun acaso, nada conseguiria (...)” (BRAFF, 2006, p. 140) –, mas essa constatação não impede que se instale uma tensão na narrativa.

À medida que o sujeito zelador começa a interrogar-se sobre a situação apresentada, a calma em que se encontrava quando entrou na casa vai transformando-se em raiva figurativizada em sensações – “O suor tornou-se azedo, e a fome, aguda. Assim, o zelador ia sentindo a raiva somatizada em seu corpo, enquanto organizava o entendimento” (BRAFF, 2006, p. 140) – demonstrando a frustração pela confiança perdida – “Acontece. Isso, contudo, não era motivo para ter sofrido uma tal traição” (BRAFF, 2006, p. 140) . Assim, por saber que, por esse motivo, permaneceria disjunto do objeto-valor – “O principal problema relacionado àquele roubo era sua promoção” (BRAFF, 2006, p. 143) – o zelador é levado a realizar a performance de executar Ego. Na fase anterior a essa performance demonstra seu estado de descontentamento não só com a performance do amigo, mas também com o seu descuido:

Ele sempre nutriu um orgulho que chegava a ser mórbido por ser zeloso com tudo. Foi citado diversas vezes na empresa por essa razão: a causa de seu orgulho. Mas *não existe um único ser perfeito, pois a perfeição é uma ideia e ele era um ser existente, concreto. Também não era. Ao fechar a porta da geladeira, talvez não tivesse tido o cuidado suficiente. Acontece. Isso, contudo, não era motivo para ter sofrido uma tal traição.* (BRAFF, 2006, p. 140) (grifo nosso)

O zelador inicia, então, o julgamento que transforma sua percepção sobre o sujeito Ego – “Onde andaria o ladrão?” (BRAFF, 2006, p. 144). Esse julgamento é acompanhado de uma atitude agressiva – “empurrou irritado as folhas da veneziana, que bateram com um ruído seco na parede” (BRAFF, 2006, p. 144). Concluindo, pois, que a performance do cão o manteria disjunto da promoção, sente evoluir a raiva projetada no animal, figurativizada sensorialmente em: “seu corpo não encontrava conforto: um líquido azedo rolando em suas veias. (...) O sangue, de azedo passou a gelado. E o corpo todo sentiu o frio irradiado pelas

veias. Desceu a escada sentindo náusea, com as mãos trêmulas” (BRAFF, 2006, p. 155-156).

Logo, a tensão aumenta ainda mais e o zelador é modalizado pelo /não poder não ser/ diferente em relação aos valores sociais por ele aprendidos e que fizeram dele um sujeito intolerante em relação ao não cumprimento das normas – “Educado na rigidez dos regulamentos, o zelador não conhecia a tolerância, vício que aprendera a banir de sua vida desde criança” (BRAFF, 2006, p. 159). Na sequência, irrompe a paixão com a explosão da cólera: “Foi então que a ideia explodiu num clarão em sua cabeça” (BRAFF, 2006, p. 156 e 159). O sujeito zelador assume o papel patêmico de sujeito encolerizado e, consoante Fontanille (2005, p. 65), “(...) résout brutalement les tensions accumulées, sans aucune considération pour les objets perdus, les anti-sujets incriminés ou les dommages causés”². Enfim, enquanto sujeito destinador, sanciona o sujeito destinatário Ego, por meio da sanção pragmática, ao executar o amigo:

Nenhum daqueles pequenos episódios que foi tecendo, ao longo do tempo, a mútua confiança pôde naquele momento valer ao cão. Educado na rigidez dos regulamentos, o zelador não conhecia a tolerância (...).

O zelador tomou o cabo pela extremidade e, com o olho da enxada, amassou a cabeça entre as duas orelhas (BRAFF, 2006, p. 159-160).

O zelador, portanto, passa, ao longo do texto, do estado de confiança para o estado de decepção em relação a Ego, torna-se agressivo, chegando à explosão da cólera, que culmina com a morte do cão.

1.3 Percursos temático-figurativos do texto

De acordo com Barros (2005, p. 66), “Os valores assumidos pelo sujeito da narrativa são, no nível do discurso, disseminados sob a forma

²“(...) resolve brutalmente as tensões acumuladas, sem nenhuma consideração pelos objetos perdidos, pelos antissujeitos incriminados, ou pelos danos causados” (FONTANILLE, 2005, p. 65) – Tradução da Profa. Dra. Vera Lucia Rodella Abriata.

de percursos temáticos e recebem investimentos figurativos”. Nesse sentido, observamos no conto “O zelador” a predominância de isotopias figurativas, ou seja, recorrências de figuras, que remetem aos temas da ascensão social e da violência, inerentes à constituição do ator zelador.

O percurso que nos remete ao primeiro tema, ascensão social, é figurativizado nos trechos: “Seu antecessor fora um funcionário da Zeladoria, que jamais conseguira passar da classe D”, “esperava uma promoção que não tinha vindo” (BRAFF, 2006, p. 141), “vinha realizando cada tarefa com esmero, empenhando-se nos mínimos detalhes para merecer uma promoção” (BRAFF, 2006, p. 156), “O principal problema relacionado àquele roubo era sua promoção (...) Com um pedido antecipado de alimento, ele sabia, adeus qualquer esperança de passar à Classe C” (BRAFF, 2006, p. 143). Nesse sentido, figuras como “zelador”, “Zeladoria”, “regulamentos”, “promoção”, “classe D”, “Classe C” remetem ao tema das relações de trabalho em um contexto social capitalista, uma vez que no exercício de sua profissão, o zelador só pensava na promoção que desejava alcançar para ascender socialmente.

Por outro lado, as figuras “ladrão”, “atitude violenta”, “amassou a cabeça entre as duas orelhas” referem-se ao tema da violência. Esse tema se relaciona, por sua vez, aos estados de alma do sujeito “zelador” que, no final do percurso passional, é levado da decepção, em relação ao fazer de Ego, ao estado de cólera, que o impele a “ter uma atitude violenta” (BRAFF, 2006, p. 155):

Quase tropeçou no cabo da enxada com que estivera trabalhando pela manhã, e que se escorava na parede do galpão. Foi então que a *ideia explodiu* num clarão em sua cabeça. (...) *Nem que estivesse agora no inferno, pensou, o traidor estaria seguro.*

(...)

Não precisou virar a cabeça para ver quem se aproximava, pois era um passo que já conhecia desde sua infância. Então sacudiu a cauda feliz.

O zelador tomou o cabo pela extremidade e, com o olho da enxada, amassou a cabeça entre as duas orelhas. As quatro

pernas apenas estremeçeram e o mundo foi encoberto por um lençol de silêncio. (BRAFF, 2006, p. 159-160) (grifo nosso)

Assim, ocorre a transformação dos estados de alma do sujeito “zelador”, que nos revela a transformação em seus papéis patêmicos em relação a Ego. No início do texto seu estado de alma era de confiança em relação ao cão, o que se revela por meio das figuras “satisfação imensa”, “paciente”, “penalizado”, “confiança” – valores eufóricos –, mas o conclui atingindo o estado patêmico da cólera que se revela pelas figuras “traição”, “ladrão”, “atitude violenta”, “inferno” e “amassou a cabeça entre as duas orelhas” – valores disfóricos. Dessa perspectiva, a paixão da amizade é suplantada pela cólera, gerada pela decepção eclodida após o rompimento do contrato fiduciário. O zelador deixa de ver Ego como “amigo”, “companheiro” e passa a enxergá-lo como “ladrão”, ser indigno de continuar vivo, ao mesmo tempo em que deixa de ser “zeloso” e empurra com força excessiva uma veneziana, revelando também uma transformação no seu papel temático de cuidador ao deixar de realizar as atribuições figurativizadas nas funções do zelador de cuidar e proteger, tanto a vila quanto o cão.

Em relação ao percurso temático da ascensão social, percebemos que ações como receber ordem de serviço, sair para o trabalho, ter sido citado em relatórios da empresa, seguir normas com rigor, esperar por uma promoção definem outro papel temático do zelador: trabalhador.

Esse papel temático é figurativizado como um trabalhador contratado por uma empresa para desempenhar a função de zelador de vilas. Ele não tem nome próprio nem características físicas individualizantes, apenas traços alegóricos, representados nas ações inerentes à relação entre empregador e empregado – “Tinha acabado de receber, das mãos do Gerente Geral, a Ordem de Serviço” (BRAFF, 2006, p. 140). Desse modo, o zelador representa uma classe social, também revelada em suas poucas características físicas, figurativizadas por “sulcos profundos no rosto”, “cantos descaídos da boca”, que levam o enunciatário a inferir a ideia de que o sujeito tem uma vida sofrida, de muita labuta

– “O zelador, apesar de jovem, apresentava sulcos profundos no rosto, principalmente os que desciam das aletas até os cantos descaídos da boca” (BRAFF, 2006, p. 144).

Portanto, o desejo de mudar a condição social através de uma promoção é inerente à posição social que ocupa.

Outro dado a ser mais detalhadamente examinado no texto é o nome atribuído ao ator Ego, que remete o enunciatário imediatamente ao diálogo que o enunciador estabelece com a psicanálise freudiana. A relação intertextual, no caso entre uma figura do texto literário, o nome do cão, que remete ao discurso psicanalítico, de acordo com Barros, no artigo *Uma reflexão semiótica sobre a “exterioridade” discursiva*, não é exterior ao texto, visto que “a semiótica discursiva não trata a “exterioridade” discursiva como (...) algo exterior ao texto ou ao discurso” (BARROS, 2009, p. 351).

Nesse sentido, para a semiótica, a construção dos sentidos dos textos pode ser examinada, “metodologicamente, (...) pelo exame das relações intertextuais e interdiscursivas que os textos e os discursos mantêm com aqueles com que dialogam” (BARROS, 2009, p. 352), como a psicanálise freudiana:

Um método de investigação que consiste essencialmente na evidenciação do significado inconsciente das palavras, das acções, das produções imaginárias (sonhos, fantasmas, delírios) de um indivíduo. Este método baseia-se principalmente nas associações livres³ do indivíduo, que são a garantia da validade de interpretação. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 495)

Nesse sentido, o nome “Ego” atribuído pelo zelador ao cão, remete-nos ao discurso psicanalítico. Laplanche e Pontalis (1988), dessa perspectiva, definem ego, da seguinte forma:

Do ponto de vista tópico, o ego está numa relação de depen-

³Entende-se por Associação Livre o “Método que consiste em exprimir indiscriminadamente todos os pensamentos que acodem ao espírito, quer a partir de um elemento dado (palavra, número, imagem de um sonho, qualquer representação), quer de forma espontânea” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 71).

dência quanto às reivindicações do id, bem como quanto aos imperativos do superego e às exigências da realidade. Embora se situe como mediador, encarregado dos interesses da totalidade da pessoa, a sua autonomia é apenas inteiramente relativa. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 171)

Assim sendo, importa considerar que o ator zelador conhece o ator Ego, no dia em que recebe a Ordem de Serviço e descobre que não foi promovido em razão de sua pouca idade e imediatamente identifica-se com o animal – “Na sua espécie, pensou, é tão jovem quanto eu na minha” (BRAFF, 2006, p. 141). Observamos, no texto, uma identificação entre a imagem do ator zelador que se projeta na figura do ator Ego, uma vez que fisicamente aparentam características semelhantes: são jovens em suas espécies.

Conforme trecho do estudo de Luiz Alfredo Garcia-Roza, no livro “Freud e o inconsciente”: “O ego (...) não é o lugar da verdade do sujeito, mas imagem que o sujeito faz de si mesmo” (GARCIA-ROZA, 2001, p. 211). Essa identificação se revela na profunda relação de amizade que se estabelece entre Ego e o zelador. Assim, o nome Ego, atribuído ao cachorro revela não ser “uma invenção, mas uma descoberta, porque o jovem cão parou de pular e, abanando a cauda, olhou com muita simpatia para seu novo amigo” (BRAFF, 2006, p. 141). Ainda, na sequência do enunciado, há uma noção de complementariedade entre os atores, conforme o trecho

Não era muito tarde para o almoço (...) Levou-o consigo até o restaurante mais próximo. “Levou-o” podia muito bem se tão-somente a expressão de um pensamento maquinal, (...), mas ele demorou algum tempo até chegar a essa percepção. Se é que chegou. Talvez Ego não tenha sido levado, mas tenha simplesmente acompanhado seu novo amigo, ou seja, os dois foram juntos. Suas relações, desde esse dia já distante, sempre foram um tanto ambíguas. O zelador nunca soube direito quem conduzia e quem era conduzido. (BRAFF, 2006, p. 141-142)

Ademais, considerando ainda a relação entre id, ego e superego

(cf. LAPLANCHE; PONTALIS, 1988) podemos inferir também que o / querer/ entrar em conjunção com o objeto-valor “promoção” está relacionado a uma “reivindicação do superego” exteriorizada pelo ego do zelador como desejável, pois é modalizado pelo /querer- fazer/ parte de uma classe social superior àquela à qual está conjunto. Assim, sofre os “imperativos do superego”, enquanto representante dos valores nele arraigados, quanto à necessidade de agir dentro das normas preestabelecidas para entrar em conjunção com o objeto-valor “promoção”, o que se concretiza pela execução de Ego, sobrepondo os valores sociais aos valores afetivos.

Outra observação a ser feita, refere-se especificamente à questão da idade de Ego que conhece o zelador ainda na infância e, passados um ano e meio, aproximadamente, atinge a idade adulta, processo de amadurecimento paralelo ao do zelador, que também espera por esse processo para entrar em conjunção com o objeto-valor “promoção”, tendo em vista o contrato assumido no percurso narrativo. Tal contrato, no entanto, é rompido, levando-o a continuar disjunto do objeto-valor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora os sujeitos zelador e Ego tenham buscado entrar em conjunção com o mesmo objeto-valor, a amizade, apresentam valores diferentes no que diz respeito à satisfação pessoal. Um ambiciona uma promoção, uma mudança de *status* social, valor sociocultural constitutivo do papel temático de trabalhador. O outro, apenas segue os instintos e num gesto atávico rouba a carne para saciar a fome, o que Greimas e Fontanille classificam como “acidente”, ou seja, “acaso”:

O que o acaso ajuda a construir, o acaso pode desfazer: o acidente que desencadeia o desabamento de um mundo de valores não passa da imagem virtual e invertida do acidente que abala a necessidade ôntica para aí fazer advir a valência num primeiro tempo e o valor num segundo tempo. (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 28)

Foi por acaso que o ator zelador conheceu o ator Ego, pois estava parado na calçada, esperando o trânsito diminuir para atravessar a avenida quando o cão surgiu ao seu lado. O mesmo acaso levou-o a descuidar-se e deixar a porta aberta justamente quando Ego estava há dias caçando comida sem sucesso. Este, um animal irracional, num ato inerente à sua natureza, busca entrar em conjunção com o objeto-valor “comida”, num gesto instintivo para saciar a fome.

Os percursos do fazer e do ser dos sujeitos revelam que o ator protagonista privilegia a violência contra o Outro, figurativizada pela execução do cão Ego, tendo em vista que a performance do cão o levaria à privação de valores aos quais acreditava ter direito. Ironicamente temos, portanto, o mau êxito do sujeito zelador, enquanto representante de uma classe social que tem aspirações de ascender socialmente, de melhorar suas condições de vida e de trabalho, não conseguindo, no entanto, operar com sucesso essa mudança.

É importante ressaltar ainda a ironia presente no título do texto. A figura lexicológica “zelador” pode ser definida pelo Dicionário Eletrônico Houaiss (2009) como “aquele que zela, cuida ou vigia”. No mesmo dicionário, o lexema “zelar” é definido como “ter zelo por; vigiar, proteger, tomar conta de (alguém ou algo) com toda a atenção, cuidado e interesse; velar”, função desempenhada pelo zelador antes da amizade com Ego ser abalada. Em outra acepção, o lexema “zelar” é tido como “interessar-se por, administrar, defender ou tratar de (algo) com empenho”, atividade exercida com esmero pelo zelador antes de ser tomado pela cólera. Todavia, no decorrer de seu percurso passional o sujeito zelador deixa de cuidar da vila com o cuidado que sempre tivera e passa à condição de algoz do amigo Ego, matando-o ao invés de zelar pela paixão da amizade que entre eles imperava.

O final trágico da relação de amizade entre os atores zelador e Ego demonstra ainda a ironia do enunciador frente ao tema da ambição, na medida em que o zelador menospreza a amizade ao se sentir frustrado na sua ambição de atingir a tão esperada promoção social. Nesse sentido, a paixão da cólera induz o sujeito zelador à sanção de morte aplicada ao sujeito Ego, o que revela uma supervalorização das

aspirações sociais em detrimento da necessidade de relações afetivas, inerentes à natureza humana.



REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P., de. *Teoria semiótica do texto*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2005.
- _____. *Uma reflexão semiótica sobre a "exterioridade" discursiva*. Alfa, v. 53, n. 2, p. 351-364, 2009. Disponível em <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2120/1738>. Acesso em: 27 ago. 2012
- BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EDUSC, 2003.
- BRAFF, M. *A coleira no pescoço: contos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p. 139-160.
- DITCHE, E. R; FONTANILLE, J.; LOMBARDO, P. *Dictionnaire des passions littéraires*. França: Belin, 2005.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Cahar Editor, 2001.
- GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das Paixões*. Dos estados de coisas aos estados de alma. Trad. Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo, SP: Ática, 1993.
- HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. *Vocabulário da psicanálise*. 10ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1988.